

Diálogos

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Nacional Timor Lorosa'e

Diálogos

ISSN *online* 2789-2182

ISSN *impresso* 2520-5927

dialogosuntl.com

<https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.8.78>

Volume 08

2023

LITERATURA E MÚSICA: RELAÇÕES INTERMIDIÁTICAS

LITERATURE AND MUSIC: INTERMEDIAL RELATIONS

Lariani Acevedo

Mestranda (CAPES) em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF),
graduada em Letras - Português, Inglês e respectivas Literaturas pela
Universidade de Passo Fundo (UPF). <https://orcid.org/0000-0002-2038-5468>

Submetido: 06 de janeiro de 2023

Aceito: 19 de setembro de 2023

Publicado: 17 de novembro de 2023

LITERATURA E MÚSICA: RELAÇÕES INTERMIDIÁTICAS

Lariani Acevedo¹

Resumo: O presente trabalho aborda questões sobre as relações simbólicas que se instituem no meio social a partir da vivência de experiências de literatura e música. A influência da língua e da literatura na produção musical já é de conhecimento geral. Muitas músicas foram inspiradas em grandes clássicos da literatura. Podemos observar que, atualmente, essa relação intermediária está sendo desmobilizada em função da produção massiva de cultura, influenciando diretamente no meio musical e literário. A arte de modo geral é mercantilizada, conseqüentemente, as experiências estéticas estão sendo limitadas. A partir dessas questões mencionadas, pretende-se “experienciar”, por meio de uma pesquisa bibliográfica, língua, literatura e música, as interações culturais e suas repercussões simbólicas como elementos definidores do homem e seu meio social.

Palavras-chave: Música; Língua; Literatura; Intermedialidade.

LITERATURE AND MUSIC: INTERMEDIAL RELATIONS

Abstract: This article is to reflect on the symbolic relationships that are established in the social environment from the experience of language, literature and music. The influence of language and literature on music production is already common knowledge, many songs were inspired by great classics of literature. We can observe that, currently, this intermedial relationship is being demobilized due to the massive production of culture, directly influencing the musical and literary environment. After all, here, we will be talking about this relationship in a convergent way. From these mentioned questions, it is intended to “experience”, through a bibliographical research, language, literature and music, cultural interactions and their symbolic repercussions as defining elements of man and his social environment.

Keywords: Music; Language; Literature; Intermedial.

¹ Mestranda (CAPES) em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF), graduada em Letras - Português, Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade de Passo Fundo (UPF). <https://orcid.org/0000-0002-2038-5468> / <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.8.78>

O TEXTO LITERÁRIO E A MÚSICA COMO MANIFESTAÇÕES DISCURSIVAS

Neste trabalho de cunho bibliográfico entendemos o texto literário e a música como manifestações discursivas que se entrelaçam em suas produções culturais. Nessa abordagem, trabalhamos com a concepção de linguagem como elemento marcado pelos valores da cultura, influenciando diretamente nas produções artísticas de cunho literário e musical, possibilitando uma relação entre semelhantes:

As relações de semelhança entre a obra musical e a obra literária, cada uma com os seus códigos próprios, coincidem porque respondem a uma mesma necessidade estética, são verdadeiramente sugestivas. No entanto, acreditamos que eles não contribuem muito ao analisar o pretexto que a música supõe para a literatura, pois no momento em que os dois códigos se relacionam estaríamos em um dos casos anteriores: complementaridade, música como objeto ou intertextualidade entre as duas artes. (Ojeda, 2013, p. 139, tradução nossa).

Evidenciaremos, então, a relação entre dois elementos cujos valores sociais são reconhecidos desde a antiguidade. Nós, seres humanos, aprendemos a falar e a cantar em momentos diferentes ao longo da nossa formação. No entanto, consideramos ser da essência humana o aprendizado de uma e de outra habilidade, sendo que, na maioria das vezes, aprendemos a cantar antes de aprender a falar, ou seja, a musicalidade está intimamente ligada ao desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, da mesma forma que a língua. Em seu deslocamento na cultura, o homem tem a possibilidade de unir musicalidade e língua, o que lhe abre uma vastidão de experiências estéticas relevantes para seu desenvolvimento artístico e social. Por essa razão, propomos a relação entre música e literatura.

Como podemos, então, para além do conceito de intertextualidade e intergenericidade, compreender esses elementos de forma interligada? Segundo Koch (1991), a intertextualidade em sentido amplo é a relação de um texto com outros textos previamente existentes. Podemos pensar na intergenericidade da mesma forma, porém dando enfoque no gênero textual, ou seja, é a relação de um gênero com outros gêneros previamente existentes. Consequentemente, traremos para a discussão a terminologia que propomos refletir: intermedia-

lidade. Segundo Clüver (2006, p. 18), esse conceito não se refere apenas à música, à literatura e outras artes, mas também à relação entre as mídias e seus textos. Com relação ao conceito de mídias, em seu artigo intitulado *intermedialidade*, Clüver explica que uma mídia é “Aquilo que transmite um signo (ou uma combinação de signos) para e entre seres humanos com transmissores adequados através de distâncias temporais e/ou espaciais” (Clüver, 2008, p. 9). É sabido que existe uma relação de intermedialidade entre literatura e música, ambas veiculam informações e possuem a capacidade de comunicar de forma significativa. Essa é uma relação já posta e desenvolvida em pesquisa, no meio acadêmico, como comprova o trabalho:

Múltiplos códigos se entrelaçam nas manifestações musicais e literárias, relacionando-se e frequentemente se perpassando, a ponto de criações em que, devido à evolução da cultura, se influenciam mutuamente, borrando a fronteira entre ambas. Mesmo as obras musicais e literárias podem confluir em produtos culturais de maior significado (dramas musicais, óperas, etc.), em que as partes musicais e literárias formam dois níveis de um mesmo discurso. Múltiplos códigos se entrelaçam nas manifestações musicais e literárias, relacionando-se e frequentemente se perpassando, a ponto de criações em que, devido à evolução da cultura, se influenciam mutuamente, borrando a fronteira entre ambas. Mesmo as obras musicais e literárias podem confluir em produtos culturais de maior significado (dramas musicais, óperas, etc.), em que as partes musicais e literárias formam dois níveis de um mesmo discurso. (Ojeda, 2013, p. 112, tradução nossa).

No entanto, o que estamos propondo é a reflexão acerca do diálogo entre língua, literatura e música no seio da sociedade e da cultura, elementos definidores do homem.

LITERATURA E MÚSICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Na Grécia antiga, a poesia lírica era acompanhada de melodia, harmonicamente, os textos se fundiam. Parafraseando Oliveira (2020), a música e a literatura são dotadas de características semelhantes, como, por exemplo: altura, intensidade, timbre, ritmo, constituindo uma relação estética análo-

ga. Na Idade Média, o Trovadorismo sincronizava poetas e músicos dentro de cantigas provençais (de amor, de amigo, de escárnio e de maldizer). Já no Renascimento, a ópera, obra lítero-musical, imperava como união entre literatura, música e teatro, expressões artísticas que foram aproximadas para expressar narrativas das temáticas da época.

Música e literatura são duas fontes de artes distintas, mas são poéticas e historicamente correlatas. Segundo Barbeita (2015, p. 9), a música e a literatura possuem significantes típicos que são respectivamente o som, ou seja, a partitura ou outro código que o valha, e a palavra, no caso da literatura, oral ou escrita. Porém, ao dialogarmos com essas artes, teremos uma união dessas expressões, afinal, toda música, além de expressar-se por meio de códigos próprios, como havíamos comentado, também se insere de forma oral e escrita, ampliando, assim, suas formas de representações.

Alguns clássicos da literatura, por exemplo, tornaram-se músicas nacionalmente conhecidas e, na grande maioria dos casos, os ouvintes nem imaginam que estão escutando uma canção inspirada na literatura. Um bom exemplo, está materializado na canção de Marisa Monte “Amor I love you” (Silva, 2001), que foi feita a partir do livro “O primo Basílio” (Queiroz, 2003), uma das obras mais emblemáticas do escritor realista português Eça de Queiroz. Publicado em 1878, a obra retrata a sociedade portuguesa da época, temas como o adultério, a hipocrisia, os valores morais estão presentes no livro. Outra canção, que também foi inspirada em um clássico da literatura, é “Monte Castelo” (Russo, 1989) da banda Legião Urbana, composta a partir de uma das obras portuguesas mais conhecidas, “Os Lusíadas” (Camões, 1974), de Luís Vaz de Camões, um épico publicado em 1572. A música traz citações do soneto 11, conhecido como “Amor é fogo que arde sem se ver”. Essas possibilidades de convergência entre a música e a literatura, atualmente, não estão sendo tão exploradas. Uma das possíveis explicações para fenômenos como esse, é a mercantilização da arte, ou seja, a comercialização dos meios culturais.

As indústrias da mídia, incluindo a difusão televisiva, estão, presentemente, passando por grandes mudanças que estão tendo um impacto importante na natureza dos produtos da mídia e nos modos de sua produção e difusão. Essas mudanças são o resultado dos desenvolvimentos que ocorreram em dois

níveis: no nível da economia política, e no nível da tecnologia. As indústrias da mídia nas sociedades ocidentais são, em muitos casos, organizações comerciais ou quase-comerciais, operando num mercado competitivo e sujeito a pressões financeiras e a incentivos de vários tipos; por isso, mudanças nas indústrias da mídia são, até certo ponto, respostas a imperativos econômicos e pressões políticas que afetam essas indústrias enquanto interesses comerciais. Mas as indústrias da mídia são, também, fortemente dependentes da tecnologia e da inovação tecnológica. (Thompson, 1998, p. 253).

Pensando nessas questões sócio-políticas explanadas por Thompson, podemos, também, recorrer às músicas atuais e trazer algumas reflexões acerca de possíveis explicações intermidiáticas. Uma das artistas mais visadas e bem quistas na sociedade contemporânea, no gênero sertanejo, é a cantora Marília Mendonça. Em tal universo musical, ela é considerada a “rainha da sofrência” e conseguiu “experienciar” e estabelecer relações, como por exemplo, a do amor e da traição. Uma de suas músicas mais escutadas é “Troca de calçada” (Mendonça, 2020), uma canção que nos possibilita fazer uma relação com o livro “Lucíola” (Alencar, 2011), de José de Alencar, publicado em 1862, em que a protagonista é uma prostituta, que em função de sua realidade social e financeira foi obrigada a trabalhar com a venda do próprio corpo.

Se alguém passar por ela
 Fique em silêncio, não aponte o dedo
 Não julgue tão cedo
 Ela tem motivos pra estar desse jeito
 Isso é preconceito
 Viveu tanto desprezo
 Que até Deus duvida e chora lá de cima
 Era só uma menina
 Que dedicou a vida a amores de quinta
 É claro que ela já sonhou em se casar um dia
 Não estava nos planos ser vergonha pra família
 Cada um que passou levou um pouco da sua vida
 E o resto que sobrou, ela vende na esquina
 Pra ter o corpo quente, eu congelei meu coração
 Pra esconder a tristeza, maquiagem à prova d’água

Hoje você me vê assim e troca de calçada
Só que amar dói muito mais do que o nojo na sua cara
Pra ter o corpo quente, eu congelei meu coração
Pra esconder a tristeza, salto 15 e minissaia
Hoje você me vê assim e troca de calçada
Mas se soubesse um terço da história, me abraçava
E não me apedrejava
(Mendonça, 2020).

Existe, aqui, na canção e no livro, uma ligação intertextual e intermidiática que pode ser difundida a partir de outros aportes sócio-históricos, como, por exemplo, estabelecer uma relação entre a experiência da leitura com a experiência da letra da canção, ou seja, experimentar as possíveis interpretações e relações intertextuais presentes nessa letra. Existe uma difusão de conteúdos similares que possibilitam grandes experiências e reflexões acerca do conteúdo por elas ressaltado, porém, é necessário que exista o reconhecimento dessas duas expressões artísticas como algo relevante dentro do universo científico. Trazer o antigo, por exemplo, o livro “Lucíola” (2011), de José Alencar, e referenciá-lo, por meio de algo atual, como a música “Troca de calçada” (2020), de Marília Mendonça, algo do cotidiano, torna a reflexão muito mais significativa e de possível palpabilidade. Podemos, por meio dessas duas obras, fazer uma reflexão, por exemplo, acerca da mulher na contemporaneidade.

[...] a marca que a mulher do século XIX deixa para a mulher do século XXI é representada pela condenação à inferioridade, mesmo com quase dois séculos de diferença. Atos de empoderamento da mulher brasileira ainda geram polêmica na sociedade, o que forma um elo com a obra de Alencar, em que há preconceito em relação à mulher dona de si. (Silva, Simão, & Machado, 2019, p. 2).

A partir dessas colocações sobre a obra *Lucíola* e a música *Troca de calçada*, podemos fazer um enredamento de elucubrações acerca da posição exercida pela mulher contemporânea e a mulher do século XIX. Essas possíveis elucidações podem trazer, para o meio da experiência que é, segundo Jorge Larrosa Bondía (Bondía, 2002, p. 21), “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

Marília Mendonça é uma das artistas contemporâneas que nos possibilita “experienciar” a literatura e a música de forma conjunta e com suas similaridades. Essas questões são de suma importância para as possíveis metáforas simbólicas dentro do universo das reflexões sociais.

Os elementos mencionados, unidos, atravessam muitos conceitos: um texto referenciando outro texto, um discurso relacionado a outro discurso, um gênero transitando por outro gênero, um livro expressado em uma canção e vice-versa. Trazendo essas conceituações à tona, é possível desenvolver inúmeras habilidades artísticas e de compreensão de texto e, principalmente, a capacidade de utilizar a língua como experiência da realidade.

A língua expressa a nossa realidade e possui propriedades poéticas. Afirmamos que essas propriedades também se enquadram na literatura e na música? Afinal, sabemos que língua, literatura e música podem estar entrelaçadas. Mas essa questão só será custodiada pelos indivíduos que possuem a capacidade de identificar e compreender o que essas linguagens possuem de poético? Como podemos tornar essas considerações mais democráticas dentro do campo científico e acadêmico? Essas questões serão esclarecidas ao longo desta reflexão.

CONCEITUANDO LÍNGUA E LITERATURA

Segundo o compositor Nelson Motta (2019), em uma de suas entrevistas concedidas ao canal de *Youtube*, *Tv Brasil*, “é o ritmo que irá hipnotizar o leitor, o ritmo que leva o leitor adiante”. Isso ocorre tanto na literatura quanto na música. Essa semelhança rítmica nos alerta para uma relação simultânea, existe um cruzamento que perpassa as duas áreas que, de maneira geral, não recebe a sua merecida atenção dentro do universo acadêmico. Talvez, por questões culturais, a música seja mais considerada como um objeto de lazer, de entretenimento, do que pela experiência estética proporcionada e pelos benefícios intertextuais que pode desempenhar.

Literatura e música são linguagens artísticas. Se analisarmos da perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin (1997), é possível estabelecer uma relação de sentido entre dois enunciados. A atividade linguística humana se

constrói por meio de interações, um enunciado reflete em outros enunciados. No nível artístico, existe a recuperação de diálogos anteriores, ou seja, existe uma restauração de enunciados pré-existentes para a “apropriação” literária e musical. Então, podemos dizer que tanto o texto literário quanto o musical possuem a capacidade de explicar, numa perspectiva social, uma inter-relação entre sujeito e sociedade. Porém, para que tudo isso tenha sentido para o leitor/ouvinte, é necessário um repertório prévio da parte do receptor. Como exemplo, podemos citar a canção: “Capitu” (Tatit, 2016), do cantor/compositor e professor da Universidade de São Paulo, Luiz Tatit, que foi inspirada na obra “Dom Casmurro” (Machado de Assis, 2003), de Machado de Assis, publicada em 1899. Para que haja uma experiência significativa para o ouvinte, é indispensável que seja feita a leitura do livro, afinal, claramente, a música é uma extensão melódica da obra. E, segundo o autor:

[...] uma letra cantada com uma certa melodia é a grande riqueza de elementos que concorrem para os efeitos de sentido que ela pode produzir, sem falar nas inúmeras variáveis adicionais trazidas pelo arranjo ou pela interpretação do cantor. Tanto o componente linguístico quanto o melódico são portadores, cada qual, de muita informação que pode dizer substancialmente um bocado de coisas ao ouvinte. (Tatit, 2008, p. 11).

Em uma entrevista² concedida pelo professor Wellington Andrade, ele afirma que “por definição, a literatura trabalha com a musicalidade da palavra (...)”. A partir de tal afirmação, podemos refletir se a música desempenha o mesmo papel? Refletindo sobre essas concepções mencionado por Tatit (2008), podemos chegar à conclusão de que ambas as artes possuem uma propriedade rítmica. Por outro lado, podemos afirmar que além de rítmica a literatura também é musical?

Para o autor, essas informações divergem:

Comecei a perceber que havia outra linguagem que causava emoção, inclusive um canto muito rápido de três minutos, tempo suficiente para encantar as pessoas. Comecei a perseguir outra linguagem. Essa é a grande diferença entre música e canção, assim como há uma diferença entre letra de música e literatura. (Canelas, Martins, et al., 2011, p. 84).

² Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2017-07-31/literatura.html>. Acesso em 13 de jun de 2023.

Assim, podemos considerar que as linguagens são bem distintas, então, não podemos dizer que literatura e música são a mesma coisa, quando unidas, no entanto, Luiz Antônio de Assis Brasil, escritor, músico e professor de criação literária, afirma que,

[...] a música articula-se à literatura de duas maneiras: no primeiro caso, que diríamos extrínseco, a música estabelece formas exteriores ao texto; no segundo, a música colabora especialmente com o ritmo. O leitor, mesmo desconhecendo os cânones musicais, percebe, de modo difuso – mas nem por isso menos verdadeiro – o quanto o texto agrada por uma instância extraliterária, que é a instância musical. Ler esta obra é constatar a verdade. (Brasil, 2016, p. 14).

A partir das perspectivas mencionadas é possível estabelecer uma relação de semelhanças entre esses dois elementos que possuem um grande potencial em níveis de problematização e reflexão. Podemos observar que, atualmente, ainda não existem nomenclaturas, classificações, conceitos ou definições que sejam totalmente direcionadas para essas duas expressões artísticas. Ousamos dizer que, fundamentalmente, nos faltam experiências, diálogos mais profundos entre essas duas áreas. Muitos artistas nos comprovam que são espaços que convergem e atuam, brilhantemente, quando trabalhadas juntas. Porém, como podemos expressá-las e torná-las fundamentais, sabendo que não possuem uma categoria dentro das escolas e universidades? Devemos compreendê-las apenas como uma experiência intermidiática? Ou podemos transcender esses conceitos e levar essa relação para além dos subsídios já nos fornecidos pelo universo científico?

MÚSICA E LITERATURA COMO VIVÊNCIA PEDAGÓGICA E CULTURA

Esteticamente falando, a música possui atributos didáticos e, extremamente, pedagógicos dentro do mundo acadêmico. Segundo John Blacking:

A “música” é um sistema modelar primário do pensamento humano e uma parte da infraestrutura da vida humana. O fazer “musical” é um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências para outros tipos de ação social. A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto

como sistema cultural quanto como capacidade humana. Uma importante tarefa da musicologia é descobrir como as pessoas produzem sentido da “música”, numa variedade de situações sociais e em diferentes contextos culturais, distinguindo entre as capacidades humanas inatas utilizadas pelos indivíduos nesse processo e as convenções sociais que guiam suas ações. (Blacking, 2007, p. 201).

Desde a infância, em sua maioria, as crianças aprendem, por exemplo, cantigas de ninar e cantigas de roda (Santos & Magalhães, 2010), que fornecem a elas um universo repleto de ludicidade e aprendizado. Isso nos mostra o quanto a musicalidade está presente em nossa vida desde a infância. É um recurso estético-pedagógico, assim como, a utilização das músicas internacionais para aprender outro idioma. Aqui, estamos falando em vocabulário. Se pensarmos para além do convencional, por quê, raramente, encontramos as músicas associadas ao ensino de língua e literatura? Essa questão requer uma reflexão que vai para além dos setores de produção metodológicas:

Se olharmos para a prática “musical” como uma força ativa na formação das ideias e da vida social, como comunicação não-verbal que é a base, mas também transcende categorias e grupos sociais definidos e sustentados com palavras, devemos procurar a evidência que mostre como o uso dos símbolos musicais ajuda a fazer, assim como refletir padrões da sociedade e da cultura. Devemos descobrir precisamente como as pessoas são capazes de relacionar as experiências com os símbolos musicais e com outras formas de atividade social e intelectual, e explicar isto como mais do que reações aprendidas. Este nível de explicação deve ir além dos tipos de argumento ou de suposição que afirmam ser tal ou qual padrão de som destinado para – ou associado com – uma atividade ou convenção social particular, devendo, portanto, procurar seus significados essenciais nos significados desta atividade social. (Blacking, 2007, pp. 208-209).

John Blacking nos faz compreender que se nos atentarmos à música não só como elemento social, parte do cotidiano e dos momentos de lazer, poderemos, então, evidenciar as potencialidades desse recurso como uma possível força ativa na formação de ideias e de atuação social.

Já ao que tange à literatura, Candido assinala que ela é:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (Candido, 1989, p. 176).

Se pensarmos amplamente nas características da literatura e da música, conseguiremos encontrar grandes similaridades a nível simbólico, ou seja, essas expressões se assemelham dentro dos seus parâmetros de composição e expressão oral/verbal. Candido (1989) aproxima a Literatura da música, o que nos possibilita citar o caso Nobel de Literatura, de Bob Dylan, em 13 de outubro de 2016, ele ganhou graças ao lirismo de suas letras. Uma das justificativas para a outorga do prêmio foi que, desde Homero e Safo, os poemas eram feitos para serem apreciados e declamados, muitas vezes acompanhados de instrumentos musicais (Lira). O cantor, após receber o prêmio, comentou³: “Eu tinha princípios, sensibilidade e uma visão informada do mundo. Aprendi tudo na escola de gramática. Com ‘Dom Quixote’, ‘Ivanhoe’, ‘Robinson Crusoe’, ‘As viagens de Gulliver’, ‘Uma história em duas cidades’ e todo o resto”, afirmando que se tratavam de leituras típicas da gramática que lhe deram uma outra forma de ver a vida. Sobre isso, ele segue comentando: “Peguei tudo isso comigo quando comecei a compor letras. E os temas desses livros entraram em muitas de minhas músicas, seja conscientemente ou sem intenção”.

Muitas canções não foram inspiradas em um livro, porém, os assuntos possuem propriedades semelhantes, possuem diálogo, mesmo que não intencional. Esse recurso pode auxiliar no aprendizado e na fixação dos conteúdos, para além da simples referência, além de proporcionar uma experiência estética.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/bob-dylan-fala-sobre-nobel-em-texto-musicas-sao-diferentes-de-literatura.ghtml>. Acesso em: 10 de jun de 2023.

INTERMIDIALIDADE

Os trabalhos que aprofundam a relação intermidiática retratam pouco sobre essas junções de mídias como um movimento intermidiático ou intramidiático. Um autor que relaciona muito bem essas questões é Clüver, ele afirma que, além de ser novo, é um conceito relevante na concepção de mídia. O conceito de mídia, segundo o autor, é muito amplo, além de ser considerado cultural e ideológico. Também, sobre isso, afirma:

O conceito de “música”, na construção atual, vale para todos esses tipos. As músicas instrumentais, que incluem as músicas populares e “clássicas” ou “eruditas” e muitas das músicas que acompanham filmes e programas de televisão, são todas consideradas, nas práticas ocidentais, gêneros musicais. Porém, a mudança dos meios de produção e do material sonoro produzido, que começou com a manipulação de sons gravados e continuou com a geração eletrônica de composições musicais, levantou a questão de se devemos conceber essa música nova simplesmente como um novo gênero musical ou se essa mudança sinaliza a geração de uma “submídia” da mídia “música”. (Clüver, 2012, p. 5).

O autor propõe conceitos inovadores para essas relações entre as mais diversas expressões artísticas, incluindo a música e a literatura. Através das concepções elaboradas, ao associarmos essas duas modalidades artísticas, vamos nos deparar com duas mídias diferentes, ou seja, possibilitando uma abordagem intermidiática. “[...] ao tratarmos do texto escrito como componente da música (letra) ou da literatura (poema escrito) estamos diante da mesma mídia, ou seja, uma relação intramidiática” (Guida, 2006, p. 5).

A intermedialidade, além de dar nome à relação entre música e literatura, possibilita um novo olhar a esses dois elementos quando estão relacionados:

Intermedialidade é uma associação verificável, direta ou indireta, de mais de um meio convencionalmente distinto de significação de um artefato. Claramente, o que pode ser observado em literatura musicalizada, seja ficção, drama ou poesia, é um exemplo de intermedialidade nesse sentido, uma vez que ela envolve música na significação de uma obra ou arte verbal. (Wolf, 1999, p. 43).

Podemos, então, além de relacionar as artes: literatura e música, também, relacionar música e literatura. Duas abordagens distintas podem ser feitas, uma música a partir de um livro e vice-versa, essas relações estão ancoradas ao conceito de intermedialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi discutido no presente artigo, concluímos que, apesar de ser pouco investigado, o mundo da literatura e da música possuem muitas qualificações e diálogos para serem estudados. A reflexão, a problematização e a socialização sobre esses elementos deve receber atenção nos mais diversos campos do conhecimento, inclusive no universo das experiências sociais e pedagógicas. Por que não vincular a língua, a música e a literatura como elementos estéticos sociais e/ou pedagógicos? Essa pergunta foi respondida por meio de reflexões acerca da temática proposta. As propriedades estéticas⁴, ou seja – a forma como as obras são recebidas pelos sujeitos (isso pode ocorrer de forma prazerosa ou não) – foram expostas, e nos possibilitaram refletir sobre essa distância que ainda é existente.

A música e a literatura são textos que estão intimamente relacionados há milênios, por meio da musicalização de grandes obras, podemos observar muitas possibilidades de uma (inter)relação recíproca entre as expressões artísticas e isso não se dá somente no âmbito musical e literário. Grandes nomes da música e da literatura, como Chico Buarque, Arnaldo Antunes, Bob Dylan, entre outros, já comprovaram que é possível estabelecer um diálogo entre a língua, literatura e a música, suas obras nos possibilitaram refletir sobre o potencial dessas relações.

A necessidade de dar nome a esse vínculo nos levou ao conceito de intermedialidade, por meio do qual conseguimos problematizar de forma mais fundamentada essa relação. Percorremos muitos conceitos que, mesmo que aparentemente distantes, nos possibilitaram refletir acerca de uma relação

⁴ Estética vem do grego *aisthēsis*, que pode significar experiência, sensibilidade, conhecimento sensível, sentimento, sensação, percepção.

ainda não conceituada de forma precisa. Intertextualidade, dialogismo, intermedialidade são conceitos que permitem transmitir as possíveis classificações ao unirmos as expressões artísticas, temos um texto sobre outro texto, temos um diálogo entre língua, literatura e música, e também, temos duas mídias vinculadas. Assim, chegamos à conclusão de que podemos estabelecer um laço entre esses elementos e possibilitar grandes reflexões acerca dos seus potenciais.

Existe, portanto, um campo de estudo muito interessante que pode ser explorado. Seja no acompanhamento das experiências educacionais, seja nas pesquisas que aproximam literatura e música. E, portanto, esperamos que a dupla escritor e leitor possa usufruir da palavra, seja ela literária ou musical, de forma abundante, possibilitando para si e para o outro experiências significativas.

REFERÊNCIAS

Alencar, J. M. (2011). *Luciola*. Porto Alegre: L&PM.

Bakhtin, M. (1997). *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Barbeitas, F. (2015). Representações e apropriações da música na poesia: um caso de intermedialidade? *Revista Interfaces*, vol. 2, n. 23, julho-dezembro. pp. 56-66.

Blacking, J. (2007). Música, cultura e experiência. *Cadernos De Campo* (São Paulo – 1991), 16(16), pp. 201-218.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v16i16p201-218>

Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr 2002, n. 19. pp. 20-28.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

Brasil, L. A. (2016). A criação literária e a música. *Letras em Revista*. Teresina, vol. 06, n. 01, jan./jun.

Camões, Luís de. (1974). *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto.

Candido, A. (1989). *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense.

Canelas, N., Martins, J. et al. (2011). Entrevista com Luiz Tatit. *Ide* (São Paulo), São Paulo, v. 34, n. 53, pp. 33-42.

Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 de maio de 2021.

Clüver, C. (2008). Intermedialidade. Pós: *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, pp. 5-23.

Clüver, C. (2012). Intermedialidade. Pós: *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, [S. l.], pp. 8-23. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Guida, F. (2017). Entre música e literatura: uma abordagem intermediática. *Soletras*, [S.l.], n. 32, pp. 242-256. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/25188>>. Acesso em: 10 de novembro de 2020. <https://doi.org/10.12957/soletras.2016.25188>

Koch, I. G. V. (1991). Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 7, n. 2, pp. 529-541.

Machado de Assis, J. M. (2003). *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret.

Mendonça, M. (2020). *Troca de calçada*. Goiânia: Som Livre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WkYqQctOi9g>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

Motta, N. (2018). *Literatura e Música com Nelson Motta*. Programa Completo. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PIvcTHc5Ckk&t=266s> Acesso em 20 de outubro de 2020.

Ojeda, E. L. (2013). Literatura y música. *Brocar. Cuadernos De Investigación Histórica*, (37), pp. 121-144. <https://doi.org/10.18172/brocar.2541>

Oliveira, S. R. (2020). Literatura e música: união indissolúvel. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, (37), 93-114. <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2020.37/pp.93-114>

Queiroz, E. (2002). *O primo Basílio*. 15 ed. São Paulo: Ática.

Russo, R. (1989). Monte Castelo. In: Legião Urbana. *As quatro estações*. Manaus: EMI. 1 cd. Faixa: 7 (3m 49s)

Santos, B. S. M., & Magalhães, O. M. S. (2010) Cantigas de roda: o resgate popular na formação sociocultural do aluno. *PRACS – Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais, UNIFAP*, n. 3, pp. 207-210.

- Silva, C. (2001). “*Amor I Love You*”. In. M. Monte. Memórias. Record, Faixa 6.
- Silva, J. H. V., Simão, J. S., & Machado, E. P. (2019). Uma análise da protagonista de “Lucíola” e seus reflexos na mulher contemporânea. Universidade La Salle, *SEFIC*.
- Tatit, L. (2016). *Capitu*. Disponível em: <http://luiztatit.com.br/composicoes/composicao?id=134/Capitu.html> Acesso em 18 de junho de 2023.
- Tatit, L., & Lopes, I. C. (2008). *Elos de melodia e letra: análise semiótica de seis canções*. Ateliê editorial.
- Thompson, J. B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Wolf, W. (1999). Musicalized Fiction and In RJtermediality: Theoretical Aspects of Word and Music studies. In: W. Bernhart, P. Scher, & W. Wolf (Orgs.), *Word and Music Studies: defining the field*. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, pp. 37-58. https://doi.org/10.1163/9789004346642_010

Direitos Autorais (c) 2023 Lariani Acevedo



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)